

## 1. COMPROMETIDA

*Ninguém está a olhar para ti, garanti a mim própria. Ninguém está a olhar para ti. Ninguém está a olhar para ti.*

Contudo, como nem a mim conseguia mentir de forma convincente, tive de o confirmar.

Enquanto esperava pela luz verde de um dos três semáforos da cidade, espreitei para a direita – do interior da sua carrinha monovolume, a Sra. Weber virava o corpo todo na minha direcção. O olhar dela devassou o meu e eu encolhi-me para trás muito depressa, perguntando a mim própria por que motivo ela não o fazia também ou punha um ar comprometido. Olhar fixamente para alguém continuava a ser indelicado, não era? Será que a regra já não se aplicava a mim?

A seguir, lembrei-me que estes vidros eram tão escuros que, se calhar, ela até nem fazia ideia de que era eu quem aqui estava e ainda menos que a tinha apanhado a espreitar. Tentei retirar algum consolo do facto de ela não estar realmente a olhar para mim e apenas para o carro.

*O meu carro. Suspirei.*

Lancei uma olhadela para a esquerda e resmunguei. Dois peões abriam a boca de espanto e gelavam no passeio, perdendo a oportunidade de atravessar a rua. Atrás deles, o Sr. Marshall olhava embasbacado pelo vidro laminado da montra da sua

pequena loja de recordações. Pelo menos, não tinha o nariz colado ao vidro. Ainda.

Acendeu-se a luz verde e, com a pressa de fugir, carreguei instintivamente com toda a força no acelerador – conforme o faria habitualmente para pôr a minha velha carrinha *Chevrolet* em movimento.

Com o motor a rugir como uma pantera enfurecida, o carro deu um salto tão súbito para a frente que o meu corpo bateu nas costas do banco de couro preto e o estômago espalmou-se contra a coluna vertebral.

– Chiça – exclamei, sobressaltada, levando desajeitadamente o pé ao travão. Mantive o sangue-frio, dando apenas um ligeiro toque no pedal. Mesmo assim, o carro deu uma guinada e imobilizou-se por completo.

Não me atrevi a olhar à volta para ver as reacções. Se ainda houvesse dúvidas sobre quem conduzia o carro, agora estariam dissipadas. Pressionei suavemente o acelerador com a ponta do sapato, empurrando-o meio milímetro, e o carro investiu de novo para a frente.

Consegui atingir a minha meta, a estação de serviço. Se não tivesse o depósito quase no fim, nem sequer teria vindo à cidade. Nesta altura, andava a prescindir de muita coisa, como tartes em miniatura e atacadores para os sapatos, evitando expor-me a olhares públicos.

A mover-me como se disputasse uma corrida, abri o depósito, desenrosquei o tampão, passei o cartão e introduzi a agulheta, tudo numa questão de segundos. É evidente que não havia nada a fazer para obrigar os números no manómetro a acompanhar

este ritmo. Eles tiquetaqueavam devagar, quase como se o fizessem de propósito para me irritar.

Não havia Sol – era um dia chuvoso, característico da cidade de Forks, no Estado de Washington – mas eu continuava a sentir um holofote virado para mim, a destacar o anel fino que trazia na mão esquerda. Em momentos como este, ao sentir os olhares sobre as minhas costas, parecia que o anel piscava como um letreiro luminoso, a dizer: *Olhem para mim, olhem para mim.*

Era uma estupidez estar assim tão insegura e eu tinha consciência disso. Além dos meus pais, seria realmente importante o que as pessoas comentavam sobre o meu noivado? Sobre o meu carro novo? Sobre a minha misteriosa admissão numa universidade da Ivy League? Sobre o meu cartão de crédito, negro e reluzente, que eu sentia como se estivesse vermelho em brasa no bolso de trás, naquele preciso momento?

– Sim, o que é que interessa o que pensam – resmunguei entre dentes.

– Hum, faz favor? – chamou uma voz masculina.

Voltei-me e depois arrependi-me por o ter feito.

Ao lado de um luxuoso todo-o-terreno, com caiaques novos em folha amarrados ao tejadilho, estavam dois homens. Nenhum olhava para mim; ambos tinham os olhos pregados no meu carro.

Para mim, aquilo não fazia sentido. Só que, no meu caso, já me dava por satisfeita por distinguir os emblemas da *Toyota*, da *Ford* e da *Chevrolet*. Este carro era preto brilhante, resplandecia e era giro; mas para mim não passava de um carro.

– Peço desculpa pelo incómodo, mas podia dizer-me qual é o modelo do seu carro? – perguntou o mais alto.

– Hum, um *Mercedes*, certo?

– Sim – concordou o homem, delicadamente, enquanto o amigo mais baixo revirava os olhos perante a minha resposta. – Eu sei. A minha dúvida é se será... um *Mercedes Guardian*? – E pronunciou o nome do modelo num tom deferente. Tive o pressentimento de que aquele tipo podia dar-se bem com Edward Cullen, o meu... o meu noivo (na verdade, não havia forma de o ignorar, com o casamento a poucos dias de distância). – Não me parece que já estejam à venda na Europa – proseguiu ele –, quanto mais aqui.

Enquanto os olhos do homem percorriam os contornos do meu carro – que para mim não era muito diferente de qualquer Mercedes de grande porte – detive-me a meditar, por instantes, nas minhas próprias questões relativas a palavras como *noiva*, *casamento*, *marido*, etc.

Era-me impossível juntá-las na minha mente.

Por um lado, a forma como fora criada fazia-me retrair à mais leve menção de vestidos brancos amaricados e ramalhetes de flores. Mas, mais do que isso, tornava-se realmente impossível conjugar o conceito solene, respeitável e enfatizado de *marido* com a imagem de *Edward*. Era o mesmo que contratar um arcanjo para o lugar de contabilista; não conseguia imaginá-lo a desempenhar um qualquer papel trivial.

Conforme sempre acontecia assim que começava a pensar em Edward, fui enrolada por uma espiral de fantasias delirantes. O desconhecido teve de pigarrear para chamar a minha atenção; continuava a aguardar a resposta em relação ao fabrico e modelo do carro.

– Não sei – respondi-lhe francamente.

– Importava-se, se tirasse uma fotografia comigo junto dele? Levei um segundo a reagir àquilo.

– A sério? Quer ser fotografado com o carro?

– Claro. Ninguém vai acreditar em mim, se não apresentar uma prova.

– Hum... Está bem. À vontade.

Arrumei a mangueira rapidamente e deslizei para o assento da frente, para me esconder, enquanto o fã do carro extraía da mochila uma enorme máquina fotográfica de aspecto profissional. Ele e o amigo posaram à vez junto ao capô, seguindo-se mais fotografias junto às traseiras.

– As saudades que tenho da minha carrinha... – gemi para mim própria.

Muito, mesmo muito conveniente – demasiado – o facto de a minha carrinha ter soltado o último dos seus suspiros apenas algumas semanas depois de Edward e eu assumirmos o nosso compromisso assimétrico, em que uma das condições era autorizá-lo a substituí-la quando ela deixasse de andar. Edward garantira-me que só se podia prever aquele desfecho; a carrinha tivera uma vida longa e plena, logo finara-se devido a causas naturais. Na opinião dele. E está claro que não me tinha sido dada a oportunidade de confirmar a história ou de eu própria a tentar livrar da morte. O meu mecânico preferido...

Interrompi aquele pensamento cruel, impedindo-o de chegar ao fim. Em vez disso, prestei atenção às vozes dos homens lá fora, abafadas pelo carro.

– ... no vídeo *online* atingiram-no com um lança-chamas. A pintura nem chegou a ficar chamuscada.

– Claro que não. Podias passar com um tanque por cima deste brinquedo. Por estes lados não há grande mercado para uma coisa assim... Concebido sobretudo para diplomatas do Médio Oriente, traficantes de armas, barões da droga.

– Achas que ela é alguém desse género? – perguntou o mais pequeno em voz baixa. Baixe a cabeça, com as faces a corar.

– Hum – proferiu o mais alto. – Talvez. Não consigo imaginar para que seriam precisos nestas redondezas: um vidro à prova de míssil e uma blindagem de mil e oitocentos quilos. Deve ir a caminho de um outro sítio mais perigoso.

Blindagem. *Mil e oitocentos quilos* de blindagem. E vidro à prova de *míssil*? Lindo. O que tinha acontecido aos bons e antiquados à prova de bala?

Bom, pelo menos isto tinha alguma lógica – para quem tivesse um sentido de humor arrevesado.

Não era que eu não previsse que Edward aproveitar-se-ia do nosso acordo, fazendo-o pender mais para o seu lado, de forma a poder dar muito mais do que iria receber. Tinha aceitado que ele me substituísse a carrinha quando fosse preciso, sem esperar que tal acontecesse tão depressa, é claro. No momento em que fora forçada a admitir que ela já não passava de um tributo ainda vivo aos *Chevrolet* clássicos, na borda do meu passeio, percebi que o mais certo era a ideia de Edward, no que dizia respeito a um substituto, deixar-me embaraçada. Transformar-me no foco de murmúrios e olhares de espanto. E não me tinha enganado quanto a isso. Mas nem mesmo os pensamentos mais tenebrosos me tinham feito adivinhar que ele ia arranjar-me dois carros.

O carro “de antes” e o carro “para depois”, explicara Edward, ao ver o meu ar estupefacto.

Este era exactamente o carro “de antes”. Disse-me que fora emprestado e prometeu devolvê-lo a seguir ao casamento. Para mim, tudo aquilo não fazia qualquer sentido. Até agora.

Ah, ah. Como eu era tão fragilmente humana, tão propensa a acidentes e tão vítima do meu perigoso azar, a minha segurança parecia exigir um carro à prova de tanques. Hilariante. Tinha a certeza de que a gracinha os divertira bastante nas minhas costas, a ele e aos irmãos.

*Ou talvez, apenas talvez, sussurrou uma vozinha na minha mente, isto não seja uma gracinha, pateta. Talvez o Edward esteja realmente preocupado contigo. Não era a primeira vez que ele ultrapassava ligeiramente os limites, ao tentar proteger-te.*

Suspirei.

Ainda não tinha visto o carro “para depois”. Estava tapado por um lençol, no canto mais remoto da garagem dos Cullen. Embora soubesse que por esta altura a maior parte das pessoas já lhe tinha dado uma espreitadela, não queria mesmo saber.

Talvez fosse um carro sem blindagem – porque eu não iria precisar disso depois da lua-de-mel. A indestrutibilidade, na plena acepção da palavra, era apenas um dos muitos privilégios que eu aguardava com ansiedade. A melhor parte de ser um Cullen não eram os carros de luxo e os cartões de crédito impressionantes.

– Ei! – chamou o homem alto, colando ao vidro as mãos em concha, na tentativa de espreitar para dentro. – Já acabámos. Muito obrigado!

– Não tem de quê – respondi-lhe, elevando a voz; depois fiquei outra vez nervosa ao ligar o motor e ao empurrar o acelerador, com muita delicadeza, para baixo.

Por muitas vezes que percorresse de carro o habitual caminho de regresso a casa, não conseguia fazer com que os cartazes desbotados pela chuva se diluíssem na paisagem. Cada um, pregado aos postes telefónicos ou preso com fita-cola aos sinais rodoviários, correspondia a um novo estalo na cara. Um estalo bem merecido. A minha mente foi arrastada de novo para o pensamento que interrompera segundos antes. Não o conseguia evitar ao fazer este percurso. Não, com as fotografias do *meu mecânico preferido* a desfilar vertiginosamente ao meu lado, em intervalos regulares.

O meu melhor amigo. O meu Jacob.

A ideia dos cartazes com a pergunta VIRAM ESTE RAPAZ? não partira do pai de Jacob. Partira do meu pai, Charlie, que os tinha imprimido e espalhado pela cidade. Não só em Forks, como também em Port Angeles, Sequim, Hoquiam e Aberdeen, assim como em cada uma das outras localidades da Península Olímpica. Ele tinha ainda garantido que haveria um cartaz na parede de todas as esquadras de polícia do Estado de Washington. Na sua própria esquadra existia um quadro de cortiça dedicado em exclusivo à procura de Jacob. Um quadro que, para sua grande frustração, estava quase vazio.

Mas além da falta de respostas, havia uma outra razão para ele estar descontente. Billy, o pai de Jacob e o seu melhor amigo, estava a desiludi-lo profundamente.

Porque Billy não se envolvia mais na busca do seu “fugitivo”

de dezasseis anos de idade. Porque se recusava a colocar cartazes em La Push, a reserva costeira, onde Jacob vivia. Porque parecia resignado com o desaparecimento de Jacob, como se não houvesse nada a fazer. E porque dizia:

– Agora, o Jacob já é um rapaz crescido. Ele volta para casa, se quiser.

Ele estava decepcionado comigo por eu tomar o partido de Billy.

Eu também não teria colocado os cartazes. Porque, em termos genéricos, tanto Billy como eu sabíamos do paradeiro de Jacob, assim como ninguém vira aquele *rapaz*.

Os cartazes provocaram-me o habitual nó apertado na garganta, as habituais lágrimas ardentes nos olhos, e senti-me satisfeita por Edward ter ido caçar nesse sábado. Se ele visse a minha reacção só levaria a que ficasse igualmente perturbado.

É claro que o sábado tinha as suas desvantagens. Ao virar para a minha rua, devagar e com todo o cuidado, avistei o carro-patrolha do meu pai, no caminho de acesso à nossa casa. Ele tinha voltado a desistir da pesca. O mau humor por causa do casamento persistia.

Assim, não podia usar o telefone. Mas tinha de telefonar...

Estacionei junto ao passeio, atrás da estátua do *Chevrolet*, e tirei do porta-livros o telemóvel que Edward me tinha dado para casos de emergência. Marquei o número, mantendo o dedo suspenso sobre o botão de “desligar”, enquanto o telefone tocava. Por via das dúvidas.

– Estou? – respondeu Seth Clearwater, fazendo-me suspirar de alívio. Eu era demasiado cobarde para falar com Leah, a irmã

mais velha. A frase "comer-me viva" não era totalmente uma figura de retórica, quando se pensava em Leah.

– Olá, Seth, fala a Bella.

– Ei, viva, Bella! Como estás?

Angustiado. A procurar desesperadamente alguma tranquilidade.

– Ótima.

– Telefonaste para saber novidades?

– Consegues ler os pensamentos.

– Nem por isso. Não sou nenhuma Alice. Tu és apenas previsível – retorquiu ele, a brincar. Do bando Quileute de La Push, apenas Seth se sentia à vontade para mencionar os Cullen, já para não falar em brincar com assuntos como o da minha futura cunhada quase omnisciente.

– Eu sei que sou. – Hesitei por instantes. – Como está ele?

Seth suspirou.

– Como sempre. Não fala, embora nós saibamos que nos está a ouvir. Esforça-se por não pensar *humano*, percebes? Deixa-se apenas conduzir pelos instintos.

– Sabes onde está agora?

– Algures, no Norte do Canadá. Não sei dizer-te em que Estado. Ele não liga muito aos limites estaduais.

– Há algum indício de que possa...

– Ele não vai regressar, Bella. Lamento.

Engoli em seco.

– Está bem, Seth. Já o sabia, mesmo sem perguntar. Não consigo perder a esperança, só isso.

– Sim. Todos sentimos o mesmo.

– Obrigada por me aturares, Seth. Sei que os outros devem andar em cima de ti.

– Eles não serão os teus fãs mais dedicados – concordou ele, jovialmente. – Acho um bocado idiota. O Jacob fez as suas escolhas e tu fizeste as tuas. O Jake não concorda com a forma como eles estão a reagir. É claro que também não está exactamente entusiasmado por andares a fazer perguntas sobre ele.

Sobressaltei-me.

– Pensava que ele não falava com vocês.

– Por muito que o tente, ele não consegue esconder-nos tudo.

Então, Jacob estava a par da minha ansiedade. Não sabia bem o que isso me fazia sentir. Bom, pelo menos ele sabia que eu não tinha desertado, esquecendo-o por completo. Era possível que me imaginasse capaz disso.

– Acho que nos vamos encontrar no... casamento – disse, forçando a palavra a sair por entre os dentes.

– Sim, vou lá estar com a minha mãe. Foste muito simpática em convidar-nos.

Sorri com o entusiasmo que transparecia da voz dele. Embora a ideia de convidar os Clearwater tivesse partido de Edward, ficara satisfeita por ele pensar nisso. A presença de Seth ia saber-me bem; seria um laço, embora ténue, com o meu padrinho desaparecido.

– Sem ti, não seria a mesma coisa.

– Dá um abraço meu ao Edward, está bem?

– Claro que sim.

Abanei a cabeça. A amizade que tinha nascido entre Edward

e Seth era algo que ainda me deixava confusa. No entanto, ela demonstrava que as coisas não tinham de ser assim. Os vampiros e os lobisomens podiam dar-se perfeitamente bem, desde que estivessem dispostos a isso.

Uma ideia que não agradava a toda a gente.

– Ah – exclamou Seth, com a voz a esganiçar-se e a subir uma oitava. – Hum... a Leah já chegou a casa.

– Ah! Adeus!

O telemóvel desligou-se. Deixei-o pousado no assento e preparei-me mentalmente para entrar em casa, onde Charlie devia estar à minha espera.

O meu pobre pai tinha imensa coisa com que se preocupar neste momento. Jacob, o fugitivo, era apenas um dos fardos das suas sobrecarregadas costas. Eu constituía uma fonte de preocupação quase idêntica, esta filha mal acabada de chegar à maioridade e à beira de se tornar numa mulher casada, dentro de poucos dias.

Fui caminhando devagar, por entre a chuva miúda, a recordar a noite em que lhe tínhamos contado.

\* \* \*

De súbito, quando o som do carro-patrolha de Charlie anunciou o seu regresso, o anel no meu dedo passou a pesar uns cinquenta quilos. Quis enfiar a mão esquerda no bolso ou sentar-me em cima dela, mas o aperto calmo e firme de Edward manteve-a à frente e ao centro.

– Pára, Bella. Tenta lembrar-te de que não vais confessar um assassinio, por favor.

– Para ti é fácil falar.

Ouvi o som ameaçador das botas do meu pai a subir o passeio, num passo pesado. A chave chocalhou na porta já aberta. O som fez-me lembrar a parte dos filmes de terror em que a vítima constata que se esqueceu de correr o ferrolho.

– Acalma-te, Bella – sussurrou Edward, atento ao bater acelerado do meu coração.

A porta bateu contra a ombreira e eu estremei, como se tivesse sido electrocutada.

– Ei, Charlie! – chamou Edward, completamente à vontade.

– Não! – protestei, numa voz sufocada.

– O que foi? – murmurou Edward, em resposta.

– Espera até ele pendurar a arma.

Edward riu baixinho e passou a mão livre pelo cabelo acobreado e revoltado.

Charlie apareceu à entrada da sala, ainda de uniforme, armado, e tentou evitar um trejeito no rosto ao dar connosco sentados no sofá. Nos últimos tempos, esforçava-se bastante para gostar mais de Edward. É claro que esta revelação ia pôr um fim imediato a esse esforço, de certeza.

– Olá, miúdos. O que é que se passa?

– Queríamos falar consigo – declarou Edward, com toda a calma. – E dar-lhe uma boa notícia.

Num instante, a expressão de Charlie passou de simpatia forçada à de desconfiança ameaçadora.

– Uma boa notícia? – rugiu, olhando directamente para mim.

– Senta-te, pai.

O meu pai ergueu uma das sobranceiras, olhou-me fixamente durante uns cinco segundos e depois deixou-se cair pesadamente sobre a borda da cadeira reclinável, com as costas direitas que nem um fuso.

– Pai, não te enerves – pedi-lhe, passado um momento de silêncio opressivo. – Está tudo bem.

Edward fez um trejeito e percebi que se devia ao seu desacordo quanto à palavra *bem*. No caso dele, teria talvez usado algo mais do género do *maravilhoso*, *perfeito* ou *glorioso*.

– Claro que sim, Bella, claro que sim. Nesse caso, se tudo corre às mil maravilhas, porque estás a suar em bica?

– Não estou a suar – menti.

Desviei-me daquela expressão feroz, recuando e encostando-me mais a Edward, e limpei instintivamente a testa com as costas da mão direita, para dissipar qualquer prova.

– Estás grávida! – explodiu Charlie. – Estás grávida, não estás?

Embora a pergunta fosse claramente dirigida a mim, agora era Edward o alvo do olhar furibundo do meu pai, e eu ia jurar que a mão dele se crispava em direcção à arma.

– Não! É evidente que não estou! – A minha vontade era dar uma cotovelada nas costelas de Edward, mas sabia que isso apenas me provocaria uma nódoa negra. Eu dissera-lhe que as pessoas iam logo tirar aquela conclusão! Que outro motivo razoável levaria alguém em perfeito juízo a casar aos dezoito anos? (A resposta que Edward dera na altura tinha-me feito revirar os olhos. *Amor*. Pois.)

O ar ameaçador de Charlie aligeirou-se um pouco. Por norma, o meu rosto mostrava bem quando eu dizia a verdade e, nesse momento, ele acreditava em mim.

– Ah. Desculpa.

– Desculpas aceites.

Seguiu-se uma longa pausa. Passado algum tempo, percebi que os dois estavam à espera que eu dissesse alguma coisa. Ergui os olhos para Edward, em pânico. Não havia forma alguma de me forçar a deitar as palavras cá para fora.

Ele sorriu-me e ergueu os ombros, virando-se para o meu pai.

– Charlie, reconheço que meti a carroça à frente dos bois neste assunto. De acordo com a tradição, devia ter começado por lhe fazer o pedido a si. Não queria faltar-lhe ao respeito, mas como a Bella já disse que sim e não desejo desvalorizar a sua decisão nesta matéria, em vez de lhe pedir a mão dela, peço-lhe a sua bênção. Nós vamos casar-nos, Charlie. Amo-a mais do que qualquer coisa no mundo, mais do que a minha própria vida, e, por qualquer espécie de milagre, ela também me ama assim. Podemos contar com a sua bênção?

Ele parecia tão seguro, tão calmo. Ao ouvir a confiança absoluta na sua voz, senti por um instante um momento raro de revelação. Vi fugazmente o mundo através dos seus olhos. Durante o tempo de uma pulsação, aquela notícia fez todo o sentido.

E, então, tive consciência da expressão de Charlie, com os olhos pregados no anel.

Sustive a respiração, enquanto o rosto dele mudava de cor – de pálido, passava a vermelho, de vermelho a púrpura, de púrpura a roxo. Comecei a levantar-me –, não estava certa sobre



o que tencionava fazer; talvez recorrer à manobra de Heimlich para garantir que ele não estava em estado de choque –, mas Edward apertou-me a mão e murmurou:

– Dá-lhe um minuto – numa voz tão baixa, que apenas eu o conseguia ouvir.

Desta vez, o silêncio foi muito mais longo. Depois, de um modo gradual, e de tom em tom, a cor de Charlie regressou ao normal. O meu pai comprimiu os lábios e franziu o sobrolho; reconhecia aquela expressão de “embrenhado em pensamentos”. Observou-nos durante bastante tempo e senti Edward a descontrair-se ao meu lado.

– Acho que isto não constitui grande surpresa para mim – resmungou Charlie. – Sabia que teria de enfrentar uma coisa destas muito em breve.

Deixei sair o ar.

– Não tens dúvidas em relação a isso? – inquiriu ele, com um olhar penetrante dirigido a mim.

– Estou cem por cento certa em relação ao Edward – disse-lhe, sem hesitar um instante.

– Mas casar? Para quê tanta pressa? – Voltou a lançar-me um olhar desconfiado.

A pressa devia-se ao facto de a insuportável marcha do tempo me fazer aproximar cada vez mais dos dezanove anos, enquanto Edward se mantinha congelado na perfeição dos dezassete, tal como acontecia ao longo da sua existência de noventa anos. O facto não implicava necessariamente *casar* segundo as minhas regras, mas o casamento teria de se realizar face ao compromisso delicado e complicado que Edward e eu

tínhamos feito para conseguir chegar finalmente a este ponto: a porta da minha transição de mortal para imortal.

Não eram coisas que pudesse explicar a Charlie.

– Charlie, nós vamos juntos para Dartmouth no Outono – recordou Edward. – Gostava de fazer isso, bom, da forma correcta. Foi essa a educação que recebi. – Encolheu os ombros.

Ele não estava a exagerar; a Primeira Guerra Mundial tinha sido fértil em regras morais antiquadas.

A boca de Charlie torceu-se para o lado. À procura de um ângulo de onde pudesse investir. Mas o que podia dizer? *Preferia que começassem por viver em pecado?* Ele era um pai; tinha as mãos atadas.

– Já sabia que isto ia acontecer – resmoneou para si, de sobrolho franzido. A seguir, distendeu o rosto por completo e empalideceu.

– Pai? – chamei-o aflita. Lancei uma olhadela a Edward, mas também não lhe consegui decifrar a expressão, enquanto ele observava o meu pai.

– Ah – explodiu Charlie. Dei um salto no meu assento. – Ah, ah, ah!

Fitei-o, incrédula, enquanto ele ria desalmadamente, com o corpo a abanar de cima abaixo.

Olhei para Edward, à procura de uma explicação, mas vi-o a comprimir os lábios com toda a força, como se estivesse a suster o riso.

– Então, está bem – disse Charlie, quase sem conseguir respirar. – Casem-se. – E foi sacudido por uma outra onda de risos. – Mas...

– Mas o quê? – quis eu saber.

– Mas *tu* vais ter de contar à tua mãe! Não vou dizer uma palavra à Renée! Isso fica por vossa conta! – A seguir explodiu em enormes gargalhadas.

\* \* \*

Parei, com a mão na maçaneta da porta e ostentando um sorriso. Era evidente que, na altura, as palavras de Charlie me tinham aterrorizado. A expiação derradeira: contar a Renée. Na lista negra dela, os casamentos prematuros vinham muito acima de afogar cachorrinhos vivos.

Quem poderia prever a reacção dela? Eu não. Charlie também não, evidentemente. Talvez Alice, mas não tinha pensado em perguntar-lhe.

– Bem, Bella – afirmou Renée, depois de eu me engasgar e despejar de rompante as palavras inadmissíveis: *Mãe, vou casar com o Edward*. – Fico um pouco irritada por teres esperado tanto tempo até me dizer. As viagens de avião assim ficam mais caras. Ahhh – acrescentou preocupada. – Achas que o Phil já terá tirado o gesso nessa altura? As fotografias não vão ficar bem, se ele não estiver de *smo...*

– Mãe, espera um momento – interrompi-a, sobressaltada. – O que queres dizer com ter esperado tanto? Acabei de ficar com... com... – não fora capaz de me obrigar a pronunciar a palavra *comprometida* – as coisas só ficaram assentes hoje, sabias?

– Hoje? A sério? Isso é surpreendente. Parti do princípio...

– Partiste do princípio de quê? Quando é que partiste do princípio?

– Bom, quando me viestes visitar em Abril, parecia que tudo estava já a rolar sobre rodas, se é que me entendes. Tu és bastante transparente, minha querida. Mas não disse nada, porque sabia que isso não levava a qualquer lado. Tu és igual ao Charlie, sem tirar nem pôr. – Suspirara, com um ar resignado. – Quando tomas uma decisão, não vale a pena tentar chamar-te à razão. É evidente que, tal como ele, as tuas decisões são inabaláveis.

E, então, dissera a última coisa que eu teria esperado ouvir da minha mãe.

– Bella, tu não estás a cometer os mesmos erros que eu. Pareces assustada, minha pateta, e acho que isso se deve a sentires medo de mim. – E deu uma risadinha. – Com medo do que eu possa pensar. Sei que disse muita coisa sobre o casamento e outras parvoíces, de que não retiro uma palavra, mas tens de perceber que isso se aplicava a mim em específico. És completamente diferente da tua mãe. Cometeste os teus próprios erros e estou certa de que irás ter a tua quota-parte de arrependimentos ao longo da vida. Mas os compromissos nunca constituíram um problema para ti, meu amor. Tens mais hipóteses de fazer com que isto resulte do que a maior parte das quarentonas que conheço. – Renée soltou uma outra gargalhada. – Minha criança de meia-idade. Felizmente, parece que encontraste outra alma antiquada.

– Tu não estás... zangada? Não pensas que vou cometer um erro colossal?

– Bom, é claro que gostava que tivesses esperado mais alguns anos. Quero dizer, achas que já sou tão velha que tenha ar de sogra? Não me respondas. Mas não se trata de mim. Trata-se de ti. Sentes-te feliz?

– Não sei. Neste momento, estou em transe.

Renée rira-se por entre dentes.

– Ele faz-te feliz, Bella?

– Sim, mas...

– Alguma vez irás querer outra pessoa?

– Não, mas...

– Mas o quê?

– Mas não vais dizer que eu sou uma adolescente apaixonada, igual a qualquer outra, desde o início dos tempos?

– Tu nunca foste uma adolescente, minha querida. Sabes o que é melhor para ti.

E inesperadamente, ao longo das últimas semanas, Renée imergira em planos para o casamento. Passava várias horas por dia ao telefone com Esme, a mãe de Edward – era uma relação entre sogras sem quaisquer problemas. Renée adorava Esme; mas, por outro lado, eu duvidava que houvesse alguém que não reagisse assim à minha adorável quase sogra.

Isso livrava-me das responsabilidades. A família de Edward e a minha tratavam juntas dos preparativos do casamento, sem que eu tivesse de fazer, saber ou pensar demasiado no assunto.

Charlie andava furioso, mas a parte boa era não ser *eu* o alvo da sua fúria. A traidora era Renée. Ele contara que ela fosse a má da fita. Agora, o que podia fazer, quando a sua ameaça final – contar à mãe – tinha acabado por se revelar completamente

infrutífera? Charlie não tinha nada e sabia isso. Assim, vagueava pela casa, abatido e a resmungar por entre dentes coisas sobre como não se pode confiar em ninguém neste mundo...

– Pai? – chamei, enquanto abria a porta da frente. – Já voltei.

– Espera, Bella, fica aí.

– Hã? – perguntei, parando automaticamente.

– Dá-me um segundo. Ai! Apanhaste-me, Alice.

Alice?

– Desculpe, Charlie – respondeu a voz chilreante de Alice.

– Que tal?

– Estou a sujá-lo de sangue.

– Não está nada. Nem perfurou a pele... acredite em mim.

– O que se passa? – inquiri, hesitando junto à ombreira da porta.

– Por favor, Bella, trinta segundos – pediu-me Alice. – A tua paciência vai ser recompensada.

– Hum! – acrescentou Charlie.

Comecei a bater com o pé no chão e a contar os segundos.

Quando estava a chegar aos trinta, Alice chamou-me:

– Já está, Bella, podes vir!

Avancei com cuidado, contornando a pequena esquina que dava acesso à nossa sala de estar.

– Ah – exclamei sobressaltada. – Ena, pai. Estás com um ar...

– Idiota? – interrompeu-me Charlie.

– Estava mais a pensar em distinto.

Charlie ficou todo corado. Alice pegou-lhe no cotovelo e obrigou-o a fazer uma pirueta lenta, exibindo o *smoking* cinzento-claro.

– Pára com isso, Alice. Pareço um pateta.

– Ninguém vestido por mim irá alguma vez parecer um pateta.

– Ela tem razão, pai. Estás fantástico! Temos festa?

Alice revirou os olhos.

– É a prova final da roupa. Para ambos.

Descolei pela primeira vez os olhos daquele Charlie invulgarmente elegante e avistei o saco temível com o traje branco, pousado cuidadosamente sobre o sofá.

– Ahhh.

– Vai para o teu mundo encantado, Bella. Não demora muito.

Respirei fundo e fechei os olhos. Mantive-os assim, enquanto subia as escadas para o meu quarto, aos tropeções. Despi-me, ficando em roupa interior, e estendi os braços para a frente.

– Até parece que te estou a enfiar farpas de madeira debaixo das unhas – resmungou Alice por entre dentes, atrás de mim.

Não lhe prestei atenção. Estava no meu mundo encantado.

Nele, toda a confusão do casamento estava consumada e terminada. Já tinha ficado para trás. Dominada e esquecida.

Estávamos sós, apenas Edward e eu. O cenário era impreciso e em constante movimento – metamorfoseava-se de uma floresta nebulosa para uma cidade coberta de nuvens, depois para uma noite ártica –, porque Edward queria fazer-me uma surpresa e mantinha o lugar da nossa lua-de-mel em segredo. Mas não era a parte do *onde* que me preocupava em particular.

Edward e eu estávamos juntos e eu tinha respeitado por completo a minha parte do nosso compromisso. Tinha casado

com ele. Esse fora o meu grande contributo. No entanto, também tinha aceitado todas as outras ofertas revoltantes da sua parte, inscrevendo-me na Universidade de Dartmouth, para um curso que ia começar em Outono, mesmo que isso não servisse para nada. Agora, era a vez dele.

Antes de me transformar em vampira – o seu compromisso essencial – havia ainda uma outra condição que ele queria concretizar.

Edward tinha uma espécie de preocupação obsessiva com as coisas humanas que eu ia deixar para trás, as experiências que não queria que eu perdesse. A maior parte delas – como o baile de finalistas, por exemplo – pareciam-me um disparate. Havia apenas uma experiência humana que eu lamentava perder. É claro que tinha de ser aquela que ele desejava que eu esquecesse por completo.

No entanto, aqui estava ela. Eu tinha algumas noções sobre aquilo em que me ia tornar quando deixasse de ser humana. Tinha visto, pessoalmente, vampiros recém-nascidos e ouvira todas as histórias da minha futura família relativas aos primeiros tempos de selvajaria. Durante vários anos, o meu principal traço de personalidade tornar-me-ia num ser *sequioso*. Ia passar algum tempo até conseguir ser de novo *eu* própria. E mesmo quando tivesse controlo sobre mim, nunca iria sentir-me exactamente como me sentia naquele momento.

Humana... e perdidamente apaixonada.

Desejava a experiência total, antes de trocar o meu corpo quente, falível e influenciado pelas feromonas por algo belo, forte... e desconhecido. E desejava uma lua-de-mel *real* com

Edward. Apesar do perigo que temia fazer-me passar com isso, ele acedera em tentar.

Mal me apercebi de Alice e do cetim a escorregar e a deslizar sobre a minha pele. Naquele momento, não me importava que a cidade inteira falasse de mim. Não pensava no espectáculo de que iria ser protagonista, muito em breve. Não receava tropeçar na minha cauda, soltar uma risadinha no momento errado ou ser demasiado nova, o auditório de olhos pregados em mim, ou mesmo o lugar vazio onde o meu melhor amigo deveria estar.

Estava com Edward no meu mundo encantado.